

“Primum non nocere”: autores ou revisores?

MARCELO MAROTTI

Editor Internacional da RAMB

©2011 Elsevier Editora Ltda. Todos os direitos reservados.

Com a pletera de pesquisas e o número crescente de artigos científicos que são submetidos atualmente, cabe uma reflexão sobre o papel dos autores e revisores na qualidade das informações científicas que são veiculadas pelos inúmeros jornais e revistas científicas disponíveis.

A submissão de artigos em jornais científicos segue uma revisão confidencial e autorregulada por um ou mais indivíduos especialistas sobre o assunto em questão, o chamado “peer review”.

Quem inventou o “peer review”? Difícil saber, porém, o pai do “peer review” foi possivelmente Ishaq bin Ali Al Rahwi (AD 854-931). Em seu livro, *A Ética do Médico*, ele sugeria que médicos guardassem anotações atualizadas para posteriormente serem revisadas por um grupo de médicos locais, a fim de decidir se o paciente havia recebido o melhor tratamento disponível no evento de o mesmo ser curado ou vir a falecer. Foi somente 800 anos depois, por volta do século XVII, que Henry Oldenburg, editor do *Philosophical Transactions of the Royal Society*, adotou o primeiro método moderno de revisão, o que provocou o início de debates acirrados entre os cientistas europeus.

Atualmente, qualquer revista científica que queira ser considerada respeitável deve ter um processo robusto de revisão e revisores especializados. Idealmente, após o artigo ser submetido eletronicamente em um banco de dados seguro, o mesmo é alocado a um revisor pelo editor. Nesse estágio, o manuscrito pode ser rejeitado se for considerado inadequado cientificamente para os leitores, não original ou insuficientemente atual. O *Lancet* rejeita $\frac{3}{4}$ dos artigos nessa fase, e se o artigo é considerado candidato para publicação, é enviado para um estatístico e outros três revisores especialistas no tema em questão que representam diferentes metodologias de pesquisa. Eles não são juízes, mas enviam comentários confidenciais para o editor, com as notas para cada uma das sessões do artigo, que são coletadas e fazem parte da decisão em rejeitar ou iniciar as discussões com o autor sobre as sugestões enviadas pelos revisores.

Autores e editores reconhecem que o processo de revisão pode ser controverso, porém, visa a minimizar o erro em validar descobertas científicas com metodologia inadequada ou duvidosa, aquelas publicadas por Andrew Wakefield em meio a associação entre a vacinação contra caxumba, sarampo e rubéola (MMR) e autismo, ou sobre o trabalho de Hwang Woo-Suk sobre a técnica de clonagem de células-tronco embrionárias, publicado e posteriormente retirado das revistas *Lancet* e *Science*. Por outro lado, Paul Lauterbur – o pai da ressonância magnética (RM) – teve seu artigo original sobre RM rejeitado quando o submeteu pela primeira vez no *Nature*. No entanto, Lauterbur recebeu posteriormente, em 2003, o prêmio Nobel em Fisiologia e Medicina, pelo seu trabalho em RM.

A revisão é um processo humano que pode envolver erros e más interpretações, e as revistas científicas são frequentemente as responsáveis pela publicação ou não de informações que podem influenciar a reputação de cientistas e instituições acadêmicas, o que torna esse processo ainda mais complexo.

A comunidade científica tem como obrigação ética e moral melhorar o processo da redação e publicação, e, para tal, todos os profissionais de saúde, cientistas e revisores deveriam receber um treinamento compulsório e formal sobre a elaboração, ética e publicação desde a graduação e durante a vida acadêmica e profissional.

Várias revistas, entre elas a RAMB, têm utilizado considerável tempo, recursos e investimento nesse processo, a fim de garantir que os artigos aceitos para publicação cumpram os requisitos de uma boa publicação científica. No futuro, espera-se que a revisão continuada das informações científicas tenha início antes e continue mesmo após sua publicação, a fim de garantir um mecanismo natural de crítica e melhoria continuada.